

AS LÍNGUAS SEMANTICAMENTE ERGATIVAS NA PERSPECTIVA DA TIPOLOGIA SINTÁTICA GERAL

A.E. KIBRIK*
(Tradução de Lucy Seki)

0. INTRODUÇÃO

É possível dizer, sem correremos o risco de cair no exagero, que nos últimos anos o interesse para com a questão da ergatividade cresceu em proporção quase exponencial. Este "boom ergativista" não se deu por acaso: é uma consequência natural do fato de que o ponto central das investigações teóricas passou a ser ocupado pelos problemas da tipologia de conteúdo. E, porquanto a ergatividade está ligada ao modo de desenvolvimento da oração (ao modo de construção de sua estrutura básica), ela tem a mais direta relação com o tipo lingüístico. A importância do fenômeno da ergatividade para a lingüística não está na ergatividade em si, mas em que ela, contrapondo-se à nominatividade (ou, em outra terminologia, à acusatividade¹, permite que esta última seja vista como um modo particular de construção da oração, e não como um universal lingüístico, e revela a necessidade de uma teoria geral da construção da oração em que a acusatividade e a ergatividade figurem apenas como duas das possibilidades lógicas do mecanismo lingüístico universal. Portanto, a busca da essência da ergatividade é, em última análise, a busca de um modelo universal de construção da oração básica e de uma tipologia de suas realizações concretas. Se os lingüistas, que pela primeira vez se defrontaram com o fenômeno da ergatividade, encaravam-no exclusivamente sob o ponto de vista da marcação morfológica (P.K. Uslar, H. Schuchardt, A. Dirr), a surpresa ante a técnica exótica de codificação do "sujeito" e do "objeto" pouco a pouco deu lugar a tentativas, em primeiro lugar, de explicar a existência dessa técnica e, em segundo lugar, de distinguir a ergatividade

* O professor Kibrik atuou no Departamento de Lingüística da UNICAMP como professor visitante no período de 04/09 a 03/12/89, graças ao apoio da FAPESP.

“real” da ergatividade “acidental”, superficial. Cada uma dessas tarefas pode ser abordada a partir de distintos pressupostos, o que tem levado diferentes estudiosos a conclusões as mais diversas. Sem tentar apresentar aqui uma caracterização completa de trabalhos individuais, indicarei apenas os resultados que, sob o meu ponto de vista, são essenciais:

1. As línguas que têm sido classificadas como ergativas são extremamente diversificadas. Qualquer tentativa de tornar mais preciso o termo “ergatividade” leva a uma redução significativa do número de línguas propriamente ergativas, sendo que línguas consideradas como ergativas por alguns estudiosos são excluídas por outros, e vice-versa.
2. As tentativas mais produtivas de precisar o conceito de “ergatividade” são aquelas que o relacionam ao modo de manifestação do sentido na forma lingüística e não aos mecanismos formais da estrutura sintática superficial.
3. A ergatividade e a acusatividade não constituem uma oposição binária, mas são membros de uma oposição múltipla.
4. A ergatividade não é um fenômeno uniforme nas línguas individuais. Ela se faz acompanhar de uma série de fenômenos correlacionados que podem a ela estar ligados de maneira mais, ou menos orgânica, daí a necessidade distinguir: 1) **Efeitos colaterais da ergatividade** - fenômenos indissoluvelmente ligados à ergatividade como, por exemplo, a ausência da categoria de voz em línguas semanticamente ergativas (cf. adiante); 2) **Fenômenos associados à ergatividade** - fenômenos que se combinam à ergatividade em uma língua e que em outra língua podem ter uma existência independente; por exemplo, na língua georgiana a construção ergativa é possível somente nos tempos passados, i.é., está ligada à significação de tempo passado.
A distinção entre os efeitos colaterais e os fenômenos associados não é sempre óbvia e o perigo maior está em tomar os últimos como os primeiros.
5. Sob o ponto de vista da tipologia da oração, a língua não é sempre (e de fato, quase nunca é) homogênea. (Se o fosse, a mudança de tipo seria impossível). Portanto, é crucial que o investigador seja capaz de distinguir as manifestações de diferentes tendências tipológicas em uma dada língua. Por esta razão, a utilidade do conceito “língua ergativa” é questionável, e muitos lingüistas preferem falar apenas de uma “construção

ergativa" como uma propriedade particular das línguas.

Neste trabalho, as conclusões acima serão tomadas, sem maiores elaborações, como fundo teórico geral². Adiante serão expostos em forma de teses alguns pressupostos mais específicos e o aparato conceptual utilizado na descrição de estruturas sintáticas de línguas individuais.

I. APARATO CONCEPTUAL

1. A maneira, amplamente difundida, de descrever a oposição ergatividade ou acusatividade em termos de sujeito e de complemento direto (objeto), pressupondo a universalidade desses conceitos sintáticos e a sua realização uniforme nas línguas do mundo, tem suas origens na compreensão eurocêntrica da essência da linguagem. Na verdade, o tipo de construção sintática, de um lado, e as relações sintáticas existentes na oração, de outro lado, devem ser definidos de modo independente. De qualquer forma, os conceitos de "sujeito" e de "objeto" revelam-se, a um exame mais atento, não menos complexos (cf. p.ex. Li(ed.) 1976) que os conceitos de ergatividade - acusatividade, e não são tão obviamente universais (cf. p.ex. Van Valin, 1979; Kibrik, 1979a). Por conseguinte, é aconselhável utilizar, como primitivos, conceitos que não estejam tão intimamente ligados a línguas específicas. A definição da ergatividade em termos de sujeito e objeto ("o objeto de verbo transitivo é marcado da mesma maneira que o sujeito de verbo intransitivo, e o sujeito de verbo transitivo é marcado diferentemente")³ tem valor apenas prático: correlaciona fatos de uma língua ergativa com estruturas mais familiares da língua do pesquisador, i.é., indica as correspondências de tradução entre as línguas.

2. Parto do pressuposto de que as estruturas sintáticas básicas das línguas naturais são **predeterminadas** não por restrições formais, aprioristicamente aplicadas à língua, e sim pela **carga funcional** que essas estruturas realizam. Em outras palavras, o **nível semântico** constitui o "input" para as regras que regulam a formação das estruturas sintáticas básicas.

3. A parte mais importante da estrutura sintática básica são a constituição e as características casuais dos grupos nominais (NP). Quais são, portanto, as principais funções semânticas da marcação de caso?

As mais fundamentais, a meu ver, são as três funções seguintes (é interessante contrastá-las com a divisão binária tradicional em semântica e pragmática):

- a) **Papéis semânticos** dos argumentos da proposição (os chamados “casos profundos” de Fillmore, 1968). Os mais importantes papéis semânticos reconhecidos por muitos pesquisadores são os de Agente, Paciente, Experienciador, Recipiente e Fonte, entre outros. Estes primitivos semânticos constituem um meio universal de tipificar as características individuais dos participantes (por seus papéis) em inúmeras situações particulares.
- b) **Status comunicativo dos grupos nominais** (aquilo que Chafe, 1976 denominou “information packaging strategies”). Entre as oposições semânticas relacionadas a essa função encontram-se conceitos amplamente conhecidos como os de tópico/comentário, dado/novo, especificado/não especificado, definido/indefinido. Estas significações estão ligadas não com a semântica da proposição ou com as particularidades da situação concreta que ela descreve, mas sim com as intenções comunicativas do falante: apresentar a informação em um “acondicionamento” tal que facilite a sua recepção pelo ouvinte.
- c) **Co-relação com o ato de fala.** No momento da comunicação o dado pragmático mais evidente para o falante e para o ouvinte é o próprio ato de fala, em cujas coordenadas (EU - AQUI - AGORA) insere-se o conteúdo informacional da comunicação. Em particular, de acordo com Wierzbicka (1970), a representação semântica de qualquer enunciado declarativo X está inserida no quadro ilocucionário:

Eu digo a você que X

com os elementos dêiticos “Eu” e “Tu”. Por isso, são naturais as seguintes oposições semânticas básicas determinadas pelo ato de fala:

falante / não falante

participantes do ato de fala / demais objetos

Aliás, em muitas línguas indígenas essas oposições influem consideravelmente no sistema de marcação de caso (cf. Seki, 1990).

4. Sob o ponto de vista das funções de marcação de caso mencionadas acima, é possível distinguir três tipos “puros” de línguas:

- línguas orientadas para os “papéis” semânticos;
- línguas orientadas para o “acondicionamento” da informação;
- línguas orientadas para as coordenadas do ato de fala.

Pertecem ao tipo “puro” as línguas em que a marcação de caso dos NP está relacionada somente a uma das funções mencionadas, função esta que será dominante para essas línguas. São línguas “mistas” aquelas em que não se destaca uma função dominante.

5. Para as línguas “mistas” (e elas constituem a ampla maioria sob o ponto de vista tipológico) é de suma importância qual das duas técnicas principais de codificação da informação polifuncional elas utilizam:

- a **aglutinação** (cada função tem seus próprios meios de codificação), ou
- a **fusão** (um mesmo meio de codificação é usado para expressar todas as funções).

Em outras palavras, a oposição das técnicas aglutinante/fusionante é não menos significativa para a sintaxe do que o é para a morfologia.

As línguas de tipos “puros” são sintaticamente aglutinativas, enquanto que as línguas de tipos “mistos” podem ser ou aglutinativas ou fusionantes.

Infelizmente para a teoria lingüística geral, as línguas européias melhor investigadas estão entre as línguas mistas fusionantes, o que muito dificulta a delimitação das significações codificadas por meios sintáticos. Neste sentido, os fatos das línguas “puras” são de um valor inestimável para a Tipologia Geral, porquanto a estrutura transparente dessas línguas, se não for abordada de modo preconcebido, fornece a chave para a compreensão dos tipos de oposições funcionais realmente existentes.

Neste trabalho pretendo mostrar que

- ao lado de línguas “mistas” existem de fato línguas “puras”, ou seja, línguas orientadas para os “papéis”;
- entre essas últimas, as línguas semanticamente ergativas ocupam um lugar importante;
- a organização sintática dessas línguas serve como evidência irrefutável para a colocação feita acima acerca dos papéis semânticos dos grupos nominais. (cf. 3a.)
- é possível propor um cálculo de todos os tipos de línguas “puras” orientadas para os papéis semânticos.

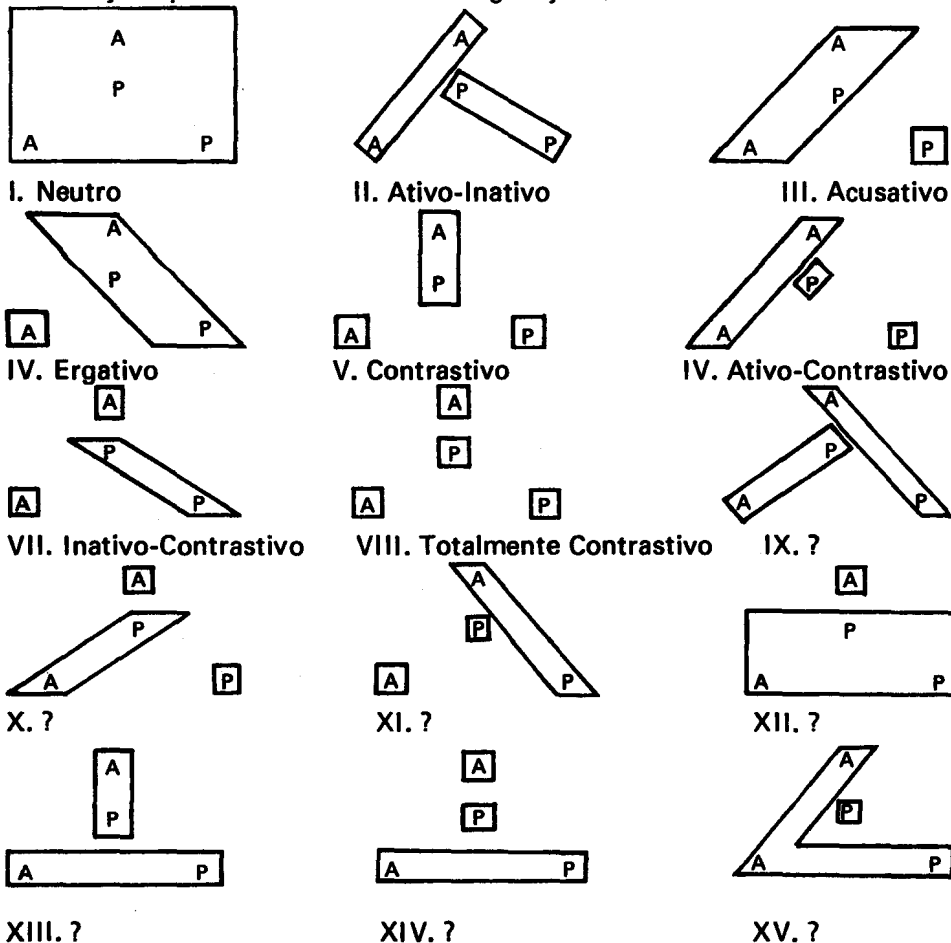
6. Sob o ponto de vista da função semântica, a estrutura proposicional do enunciado é pre-determinada pelo número de argumentos (NPs) e seus papéis semânticos - os chamados “esquemas de casos” (case-frame). Dentre todos os esquemas de casos, os mais importantes são os seguintes (cf. as colocações de Hopper - Thompson, 1980 sobre a escala de transitividade):

- i) Verbo + Agente: verbos como ‘correr’, ‘sentar-se’ (mas não ‘estar sentado’), ‘levantar-se’ (mas não ‘estar em pé’), ‘trabalhar’;

ii) Verbo + Paciente: verbos como 'ser bom', 'estar morto' (mas não 'morrer');

iii) Verbo + Agente + Paciente: verbos como 'matar', 'golpear'.

7. A marcação de caso dos NPs nesses esquemas de caso pode dar origem a distintos sistemas de oposições, cujo número total será de quinze, se se considerar que são igualmente possíveis todos os sistemas formalmente diferenciáveis. Veja-se o Quadro I, a seguir, onde estão representados os quinze sistemas. (Os argumentos que apresentam a mesma codificação aparecem unidos nas configurações).



Quadro 1: Cálculo formal dos tipos de codificação dos Argumentos.

Nota da tradutora: Em cada configuração os dois símbolos superiores representam os argumentos A(gente) e P(aciente) de verbos de um lugar; os dois símbolos inferiores representam os argumentos A(gente) e P(aciente) de verbos de dois lugares.

8. Entretanto, mesmo um exame superficial do cálculo deixa evidente que os distintos tipos de codificação apresentam diferentes graus de plausibilidade. Em que se fundamenta esta impressão?

Tentaremos formular, a seguir, os princípios semiótico - pragmáticos das estratégias de codificação características das línguas naturais.

- (a) **Motivação semântica** - as distinções formais assinalam distinções semânticas (em nosso caso, papéis semânticos);
- (b) **Distintividade** - o surgimento de estruturas ambíguas é bloqueado. (Em nosso caso, o verbo de dois lugares cria condições de ambiguidade, o que torna necessário distinguir os papéis de cada um dos dois NPs);
- (c) **Economia dos meios de expressão** - um mínimo de meios formais é utilizado para distinguir as entidades semânticas.

Os princípios acima são logicamente independentes entre si e, portanto, podem entrar em conflito um com o outro, sendo que cada língua resolve o conflito à sua maneira. O sistema lingüístico real é o resultado de um certo compromisso entre os citados princípios.

9. Consideremos, à luz desses princípios, os tipos de codificação dos argumentos, dados pelo cálculo apresentado no Quadro I.

O tipo **Neutro** (I) está em contradição com os princípios (a) e (b) e é totalmente governado pelo princípio de Economia (c). Este tipo, muito raro, ocorre na língua Lisu (Li - Thompson, 1976:47).

Em línguas indo-européias que apresentam as categorias de caso e gênero, ocorrem subsistemas nominais neutros, que não distinguem o nominativo e o acusativo. Como exemplos podem ser citados substantivos neutros do tipo **nomen** 'nome', **cor** 'coração' em Latim, e substantivos femininos e/ou neutros do tipo **mat** 'mãe' (Nom./Ac.) e **okno** 'janela' (Nom./Ac.), em Russo, que podem ocasionalmente dar origem a orações ambíguas do tipo **Mat** (Nom./Acus.) **ljubit doč** (Nom./Acus) - "a mãe ama a filha" ou "a filha ama a mãe".

O tipo **Ativo-Inativo** (II) é o mais motivado sob o aspecto semântico (opõe sistematicamente o Agente e o Paciente), porém não é muito econômico. De fato, a distinção entre actantes com verbos de um só lugar é redundante do ponto de vista sintagmático e, geralmente, também do ponto de vista paradigmático, já que o papel do actante é determinado pela semântica do próprio verbo.

Os tipos **Acusativo** (III) e **Ergativo** (IV) são econômicos e distintivos. Eles constituem as variantes mais difundidas de organização estrutural da oração nas línguas naturais. A questão sobre a correspondência entre esses dois tipos e o princípio da motivação semântica será examinada mais adiante.

O tipo **contrastivo** (V) conforma-se ao princípio de motivação semântica - é natural considerar que o Agente e o Paciente de verbos de um só lugar não sejam o mesmo que o Agente e o Paciente de verbos de dois lugares - e também ao princípio de distintividade, porém é muito pouco econômico, já que introduz uma oposição de três elementos. Esse tipo é raramente encontrado, e é característico de línguas que se encontram em estágios intermediários de mudança. Por exemplo, em Udi, uma língua do Daguestão originalmente ergativa, mas que se desenvolve em direção à acusatividade, o NP de verbo de um único lugar aparece no nominativo, enquanto que o Agente e o Paciente de verbos de dois lugares aparecem nos casos ergativo e no dativo, respectivamente.

Os tipos **Ativo-Contrastivo** (VI), **Inativo-Contrastivo** (VII) e **Totalmente Contrastivo** (VIII) representam as variantes mais subdivididas da contrastividade. Não se conhecem línguas pertencentes a esses tipos, mas eles ocorrem como subsistemas particulares em algumas línguas. A existência de línguas desses tipos é bloqueada, ao que parece, pelo princípio da economia.

Finalmente, quase a metade dos tipos teoricamente possíveis (IX-XV) não é atestada nas línguas. A ausência desses tipos explica-se por estarem eles em contradição com os princípios semiótico-pragmáticos de codificação. Em particular, sua ausência constitui uma evidência indireta da importância da oposição Agente/Paciente para as línguas naturais.

10. Voltemos agora aos tipos **acusativo** e **ergativo** (III-IV) e passemos a examiná-los sob o ponto de vista do princípio da motivação semântica.

A união do actante de verbo de um único lugar com um dos actantes (o agente ou o paciente) de verbos de dois lugares tem em sua base não apenas a tendência formal para a economia, mas também a possibilidade de reinterpretação dos papéis semânticos das oposições correspondentes. Em adição aos papéis elementares como Agente e Paciente, distinguem-se nas línguas dois **hiperpapéis** (fusões motivadas de papéis e que apresentam seu próprio significado generalizado) de fundamental importância:

ATOR - o participante principal, o protagonista da situação;

FACTITIVO - o participante imediato, o mais próximo, o mais envolvido na situação⁴.

Estes dois hiperpapéis constituem universais semânticos. Contudo, as línguas que têm em sua base o hiperpapel de Ator realizam a construção acusativa, e as línguas que apresentam uma oposição dominan-

te baseada no Factitivo realizam a construção ergativa.

11. É claro que essa tipologia refere-se, diretamente, apenas às línguas “puras”, orientadas para os papéis. Tais línguas, em que a codificação dos actantes é totalmente determinada pelo esquema casual, podem ser denominadas **semanticamente ergativas, semanticamente acusativas, semanticamente ativas**, etc⁵.

É possível também que uma mesma técnica de marcação de caso realize simultaneamente mais de uma função do NP, por exemplo, o papel semântico e o status comunicativo. As línguas mistas fusionantes em que isto ocorre podem ser denominadas **sintaticamente ergativas, sintaticamente acusativas**. É significativo que a distribuição estatística da acusatividade e da ergatividade com relação à semântica e à sintaxe se revele extremamente desigual, podendo ser assim esquematizada:

	acusatividade	ergatividade
semântica	rara	dominante
sintática	dominante	rara

Há um grande predomínio de línguas sintaticamente acusativas e línguas semanticamente ergativas sobre as semanticamente acusativas e as sintaticamente ergativas. O Tagalog (em que há o papel de Ator e em que as características comunicativas dos NPs são codificadas por distintos meios) seria uma língua **semanticamente acusativa** (cf. Schachter, 1977). Um exemplo de língua **sintaticamente ergativa** seria o Dyirbal (cf. Dixon, 1972).

A mencionada assimetria desses tipos lingüísticos não constitui uma curiosidade tipológica, antes, tem uma explicação muito natural. No discurso, o papel de Ator (mas não o do Factitivo) tem predominantemente o status comunicativo de ‘definido’⁶ e de ‘tópico’, e isto cria o pressuposto para a unificação das funções semânticas e comunicativas em uma única forma casual.

12. Podemos agora passar ao principal objeto de nossa discussão - as línguas semanticamente ergativas. A propriedade sintática, fundamental que essas línguas devem apresentar é a **neutralidade sintática** (cf. Quadro I, tipo 1), ou seja, em todos os contextos sintáticos elas devem conservar a codificação original dos papéis dos grupos nominais, opondo o **FACTITIVO** ao **AGENTE**.

Na segunda parte tentarei demonstrar que esse modo de organização sintática da língua realmente existe, não obstante as dúvidas de muitos teóricos, dúvidas essas cultivadas no fermento do eurocentrismo, voltado para o tipo misto de língua, com unidades básicas **sujeito e objeto**

direto. Aliás, são justamente esses conceitos que dificultam a compreensão da essência da ergatividade.

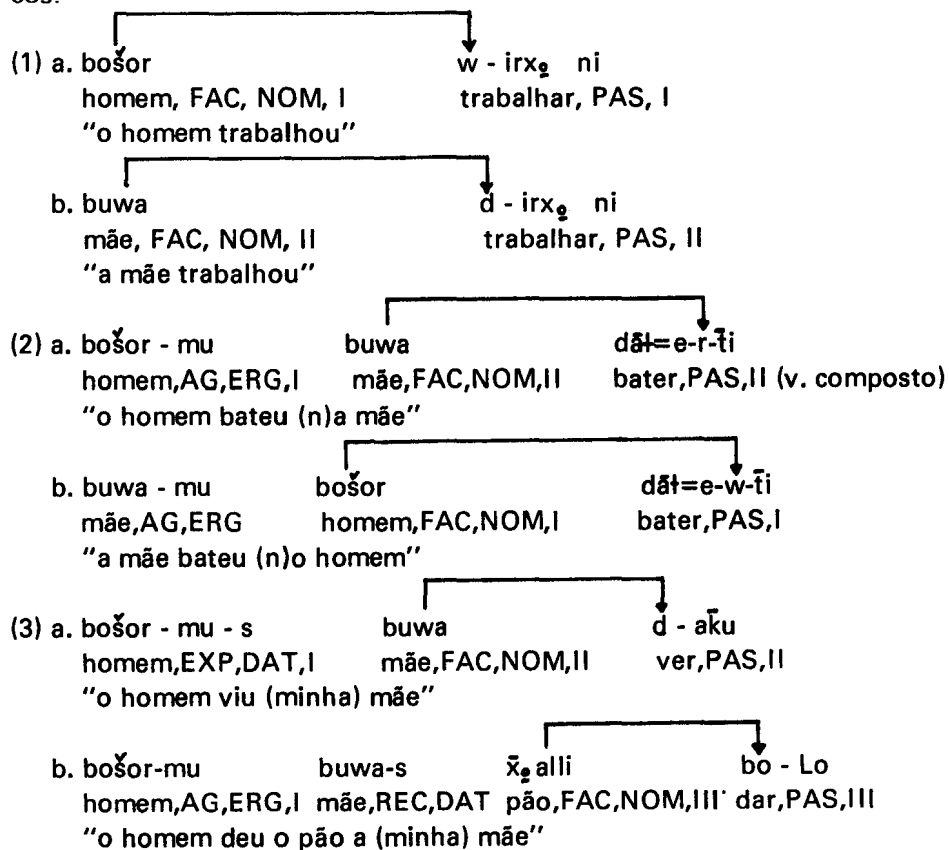
II - PROPRIEDADES SINTÁTICAS DAS LÍNGUAS ERGATIVAS ORIENTADAS PARA OS PAPÉIS SEMÂNTICOS

As considerações que se seguem baseiam-se em materiais reunidos pelo autor (Kibrik, 1979-1981)⁷, relativos a vinte línguas do Daguestão, línguas essas que, em diferentes graus, aproximam-se do arquétipo da ergatividade semântica (cf. Kibrik, 1979b).

Exceto nos casos especialmente indicados, todos os dados que apresentamos a seguir são da língua Archi.

Papéis semânticos e casos

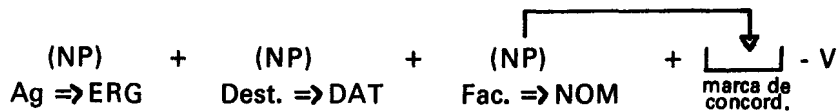
Consideremos as seguintes orações com esquemas casuais básicos:



o Agente e o Paciente) é unificado no hiperpapel Factitivo.

Resumindo: na oração independente simples a marcação de caso dos NPs depende totalmente dos papéis semânticos que eles exprimem. A função central do Factitivo é iconicamente sublinhada duas vezes: pelo caso direto não marcado (nominativo) e pela concordância no verbo.

A estrutura básica da oração independente simples pode ser assim representada:



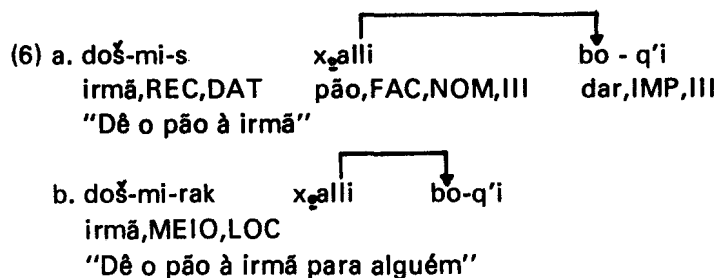
OBS.: Nas línguas do Dagestão a ordem dos constituintes não é fixa. No esquema acima está representada a ordem neutra sob o ponto de vista comunicativo.

2. Voz

Nas línguas do Dagestão não há distinções de voz, e esta propriedade pode ser considerada como uma consequência direta da ergatividade (cf. Introdução): as transformações de voz infringiriam os princípios de codificação casual dos papéis semânticos.

3. Derivação do papel semântico

A ausência de distinções de voz não implica a impossibilidade de mudança das características casuais de qualquer dos actantes. Contudo, quando ocorre a mudança, esta sempre reflete não uma transformação sintática, mas sim uma alteração no papel semântico de um dado actante. Os exemplos a seguir ilustram a questão:



A diferença entre (6)a. e (6)b., que se manifesta superficialmente na substituição do dativo pelo locativo, está relacionada ao papel semântico do actante "irmã". Em (6)a., "irmã" é Destinatário/Recipiente (da-

tivo), ao passo que em (6)b. é apenas um elo intermediário no processo de transmissão, i.é, é o Meio, codificado pelo locativo.

Os exemplos seguintes são da língua Lak

- (7) a. gwana-l c₂uku ĩk'undi
ele,AG,ERG ladrão,FAC,NOM matar,PAS
"Ele matou o ladrão (voluntariamente)"
b. gwana-ša c₂uku ĩk'undi
ele FON,LOC
"ele matou o ladrão (involuntariamente)"

Em (7)b., à diferença de (7) a., o actante "ele" é interpretado não como o Agente, responsável pela morte do ladrão, mas apenas como a Fonte da ação, e disso decorre a mudança do caso ergativo em (7)a. para o locativo, em (7)b.

Examinemos ainda os seguintes exemplos da língua Bezhtá:

- (8) a. is-t'i ti RarLol-ca
irmão,ERG água,NOM ferver,PRES
"O irmão ferve a água"
b. is (ti-d) RarLol-dã-C
irmão,NOM água,INST. ferver,PRES,ANTI-PASS
"O irmão é capaz de ferver/é competente em ferver (água)".

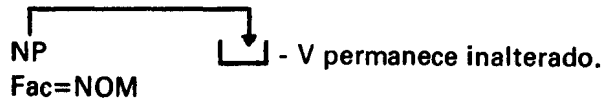
Em (8)b. está representada a derivação antipassiva de (8)a. A construção não é funcionalmente simétrica à passiva de línguas sintaticamente acusativas, e nisto a antipassiva das línguas do Daguestão distingue-se radicalmente daquela em Dyirbal, que organiza as chamadas cadeias de tópicos. Na realidade, em (8)b. o verbo teve sua valência alterada: ele passou a ter apenas um lugar. Em consequência, o Agente, "irmão", é interpretado como Factitivo e vem marcado no nominativo. O Paciente, "água", deixa de ser um actante nuclear do verbo e passa a ser um obliquo. Como norma geral, ele está ausente na oração mas, se presente, não pode ter uma referência concreta, exprime apenas conceitos genéricos.

4. Derivação semântica do predicado

Nas línguas do Daguestão distingue-se uma classe de verbos "difusos", que admitem tanto o esquema casual de dois lugares, <Agente, Factitivo>, quanto o de um único lugar, <Factitivo>, como por exemplo:

- (9) a. buwa-mu walrt'i a-b-q'u
 mãe,ERG copo,NOM quebrar,PAS,III
 "A mãe quebrou o copo"
 b. walrt'i a-b-q'u
 copo,NOM quebrar,PAS,III
 "O copo quebrou"

Note-se que (9)b. distingue-se de (9)a. somente pela ausência do NP agentivo (no ergativo). O componente nuclear



É possível também um processo derivacional de causativização pelo acréscimo do Agente a um verbo com esquema casual não agentivo:

- (10) a. buwa d-irx_{ni}
 mãe,NOM trabalhar,PAS,II
 "a mãe trabalhou"
 b. bošor-mu buwa d-irx_{m-us} a-r-u
 homem,ERG mãe,NOM trabalhar,INF,II fazer,PAS,III
 "O homem fez(causou) a mãe trabalhar"
 (11) a. buwa-mu-s mul a-b-k̄u
 mãe,DAT montanha,NOM,III ver,PAS,III
 "a mãe viu a montanha"
 b. bošor-mu buwa-mu-s mul a-b-k̄-us a-b-u
 homem,ERG mãe,DAT montanha,NOM ver,INF,III fazer,PAS,III
 "O homem mostrou a montanha à mãe"

É digno de nota que a derivação causativa do verbo experiencial "ver" (cf.11 a.) produz o verbo "mostrar" (11 b.), que tem os papéis de Destinatário e Factivo codificados da mesma maneira que os do verbo original.

Em Archi (como em muitas outras línguas), a causativização de verbos agentivos é impossível, pois a construção verivada teria dois NPs com o papel de Agente. Nas línguas em que a derivação é possível, a codificação do Agente da construção original é feita no locativo na construção causativa, como no seguinte exemplo da língua Chamalal:

- (12) a. oši woha un
 ele,ERG árvore,NOM empurrar
 "Ele empurrou a árvore"
- b. de oš-uč' woha un-al
 em,ERG ele,LOC árvore,NOM empurrar,CAUS
 "Eu o fiz empurrar a árvore"

Contrariamente ao que possa parecer, não estamos aqui diante de uma simples mudança sintática de caso do Agente. É mais correto considerar que a semântica da causação nessa dada instância pressupõe a presença de um segundo actante nominal com um papel oblíquo:

"X causou algo (P) em relação a Y"

É exatamente esse Y que aparece codificado no locativo, enquanto que o Agente, co-referente a Y, da predicação inserida é apagado. (O apagamento em condições de coreferencialidade é fenômeno típico nas línguas do Daguestão, cf. adiante).

5. Nominalização

Examinemos os seguintes dados:

- (13) a. bošor w-irx_g-ni
 homem,NOM,I trabalhar,PAS,I
 "O homem trabalhou"
- b. bošor w-irx_g-mul
 homem,NOM,I trabalhar,I,NOMZ
 "O trabalho do homem"
- (14) a. bošor-mu buwa dāt=e-r-ti
 homem,ERG,I mãe,NOM,II bater,PAS,II(v. composto)
 "O homem bateu (n)a mãe"
- b. bošor-mu buwa dāt=du-k-mul
 homem,ERG,I mãe,NOM,II bater,II,NOMZ
 "O ato de o homem bater (n)a mãe"

Esses exemplos mostram claramente que a estrutura interna das orações, incluindo-se as características casuais dos NPs, permanece inalterada. A nominalização envolve apenas o acréscimo do sufixo **-mul** ao verbo, que passa a pertencer à classe dos substantivos e assume o esque-ma casual exigido pelo contexto da oração matriz.

6. Reflexivização

É fato sintomático que as línguas do Daguestão mantenham a neutralidade sintática até mesmo no contexto da reflexivização. Considere-se o seguinte exemplo da língua Dargua:

- (15) a. it-e čej iIXib
 ele,ERG REFL,NOM preservar,PAS
 "Ele se preservou"
- b. it č̣i - ne
 ele,NOM REFL,ERG
 "Ele se preservou"

Em (15) a., o primeiro NP, o Agente, é o controlador, e é sobre o segundo NP, o Factitivo, que incide a reflexivização. Já em (15) b., onde esses NPs aparecem em ordem inversa, o controlador continua sendo o primeiro NP, agora o Factitivo, e a reflexivização incide sobre o segundo NP, o Agente. Pode-se dizer que a reflexivização está determinada apenas pela ordem dos NPs, e não por suas características semântico-sintáticas.

7. Relativização

Consideremos os seguintes exemplos:

- (16) a. tuxt'ul-li bošor-mu-s č'or ∅-Lo
 doutor,ERG homem,DAT pílula,NOM dar,PAS,IV
 "O doutor deu a pílula ao homem"
- b. [∅ bošor-mu-s č'or ∅-Lo-ŋu-w] tuxt'ur
 ERG homem,DAT pílula,NOM,IV dar,PAS,IV-PART,I doutor,I
 "O doutor que deu a pílula ao homem"
- c. tuxt'ul-li bošor-mu-s ∅ ∅-Lo-ŋu-t č'or
 doutor,ERG homem,DAT NOM dar,PAS,IV-PART,IV pílula,IV
 "A pílula que o doutor deu ao homem"
- d. tuxt'ul-li ∅ č'or ∅-Lo-ŋu-w bošor
 doutor,ERG DAT pílula,NOM,IV dar,PAS,IV-PART,I homem,I
 "O homem, a quem o doutor deu a pílula"

Em (16)a. está representada uma construção básica com o ver-

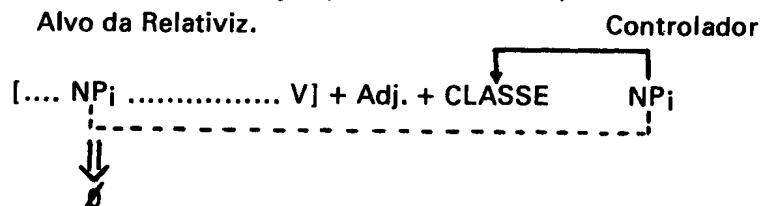
bo "dar", de três lugares, e os exemplos em (15)b-d ilustram a relativização dos diferentes grupos nominais dessa construção.

Na oração relativa encaixada, o NP alvo da relativização é apagado, independentemente de seu papel. O verbo adquire o afixo -tu, "adjetivizador" e, já como adjetivo, concorda com o NP núcleo. O restante da oração permanece inalterado.

O verbo passa, assim, a apresentar dois tipos de concordância: uma interna, com o Factitivo, e uma externa, com o NP núcleo

Em (15)c., o nome núcleo e o Factitivo da oração relativa encaixada são co-referentes, por isso o verbo apresenta dois marcadores da classe IV (um interno, prefixo e um externo, sufixal). Em (15) b. e (15) d., os controladores da concordância interna e externa do verbo são distintos. Não obstante, não há qualquer restrição à relativização.

A relativização pode ser assim esquematizada:



8. Complementação

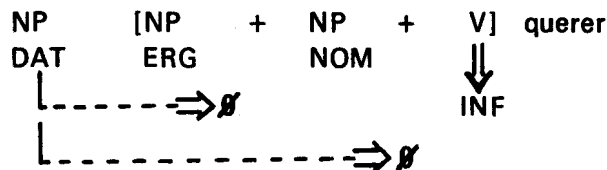
Existe um ponto de vista, amplamente difundido, de que as relações de co-referência com verbos do tipo "querer" são universalmente limitadas ao modelo acusativo (Dixon, 1979). Os seguintes dados da língua Chamalal refutam essa colocação:

- (17) a. Wac-ud jac ĉ'in
irmão,ERG irmã,NOM bater,PAS
"O irmão bateu (n)a irmã"
- b. wac-ta s[∅] jac ĉ'ina]s idalaq ik₂
irmão,DAT ERG irmã,NOM bater,INF querer,NEG
"O irmão não quer bater (n)a irmã"
- c. jac-ta s[wac-ud ∅ ĉ'ina]s idalaq ik₂
irmã,DAT irmão,ERG NOM bater,INF querer,NEG
"A irmã não quer ser batida pelo irmão"

Em (17)a. temos a forma original da oração que, em (16) b e c,

aparece encaixada como complemento do verbo "querer". Observe-se que este verbo requer seu actante nominal no dativo. Em (17) b, temos o apagamento do Agente co-referente e em (17)c, o apagamento do Factitivo co-referente sendo que, em ambas as frases, o verbo aparece na forma infinitiva. Não há nenhuma restrição quanto à co-referencialidade dos actantes nominais.

O processo de complementização pode ser assim esquematizado:



Neste caso, o NP da segunda oração é movido para a esquerda, a primeira oração é incorporada na segunda e a mesma técnica de redução se aplica, sem resultar em ambiguidades.

Os fatos exemplificados em (18) e (19) vêm esquematizados em (20) e (21), respectivamente:

$$(20) \left[\begin{array}{c} \text{NP} \\ \text{NOM} \end{array} + V \right] \& \left[\begin{array}{c} \text{NP} \\ \text{ERG} \end{array} + \begin{array}{c} \text{NP} \\ \text{NOM} \end{array} + V \right]$$

$\left\{ \begin{array}{l} \text{-----} \Rightarrow \text{X} \\ \text{-----} \Rightarrow \text{X} \end{array} \right.$

$$(21) \left[\begin{array}{c} \text{NP} \\ \text{ERG} \end{array} + \begin{array}{c} \text{NP} \\ \text{NOM} \end{array} + V_i \right] \& \left[\begin{array}{c} \text{NP} \\ \text{NOM} \end{array} + V_j \right] \Rightarrow$$

$$\left[\begin{array}{c} \text{NP} \\ \text{ERG} \end{array} + \left[\begin{array}{c} \text{NP} \\ \text{NOM} \end{array} + V_i \right] + V_j \right]$$

$\left\{ \begin{array}{l} \text{-----} \Rightarrow \text{X} \\ \text{-----} \Rightarrow \text{X} \end{array} \right.$

III. CONCLUSÕES

Os dados de línguas semanticamente ergativas do Daguestão demonstram que é possível um tipo de organização sintática na qual todos os processos sintáticos são neutros com relação aos papéis dos NPs. Isto permite realizar consistentemente o princípio de motivação semântica da marcação de caso.

Sem dúvida, o quadro real dessas línguas é muito mais diversificado e inclui os mais variados meios de desvio superficial da neutralidade de sintática. Contudo, uma análise mais detalhada desses desvios mostra que todos eles também constituem uma manifestação da motivação semântica da forma lingüística superficial (cf. Kibrik, 1988).

Nosso principal objetivo neste trabalho foi mostrar que é possível a existência de um tipo lingüístico em cuja base está o princípio da distinção consistente dos papéis semânticos realizada por meio de marcação de caso, i.é., é possível a existência de línguas orientadas para os papéis.

A estrutura dessas línguas se revela extremamente motivada, natural e simples, se deixarmos de abordá-los a partir dos conceitos de sujeito e objeto.

Ao mesmo tempo, pode-se esperar que, a partir da estrutura de línguas dos tipos "puros", seja possível uma compreensão mais profunda e adequada da estrutura das línguas "mistas".

NOTAS

Nota da Tradutora: * Somos gratos aos professores Rodolfo Ilari e Vandersí S. Castro pela leitura do texto traduzido e pelas valiosas sugestões feitas.

** Explicação de alguns símbolos e das abreviações usadas no trabalho.

a) Transcrição

C _o	arredondado
Ĉ	fortis
R	fricativa uvular vozeada
L	africada lateral surda
ʈ	fricativa lateral surda

b) outros símbolos

∅	zero (apagamento sob co-referência)
$\begin{array}{c} x \quad y \\ \text{---} \\ \quad \\ x \quad y \end{array}$	x é co-referente a y
\Rightarrow	x passa a y

c) Abreviações

DAT(ivo)	CAUS(ativo)
ERG(ativo)	GER(úndio)
INST(rumental)	INF(itivo)
LOC(ativo)	PAS(sado)
NOM(inativo)	PRES(ente)
	NOMZ(nominalizador)
AG(ente)	REFL(exivo)
DEST(inatário)	
FAC(titivo)	ANTI-PASSI(ivo)
FON(te)	ENF(ase)
REC(ipiente)	NEG(ação)

- I - (1ª classe)
- II - (2ª classe)
- III - (3ª classe)
- IV - (4ª classe)

1. Prefiro o termo "acusativo" a "nominativo", já que o primeiro se refere ao membro marcado, ou seja, o nome no acusativo.
2. Para discussões mais detalhadas ver: Klimov, 1972; Comrie, 1978; Tchekhoff, 1978; Plank, 1979; Dixon, 1979.
3. Tal definição é encontrada até mesmo em teóricos de orientação funcional tipológica, como Givón (1985:151)
4. O termo foi introduzido com este sentido em Kibrik et alii, 1977.

5. N.T.: a codificação dos actantes não é afetada pelo componente sintático, i.é., as regras sintáticas são neutras com relação aos tipos de actantes (cf. Kibrik, 1979-1981, Vypusk 126:10).
6. De acordo com Givón (1979:52), em textos narrativos o Agente de verbos de dois lugares é **definido** em 91% dos casos, e o Paciente, apenas em 56%.
7. Parcialmente traduzido para o inglês em Kibrik, 1985.

BIBLIOGRAFIA

- CHAFE, W. 1976. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics, and point of view. In: Ch.Li (ed.), 1976.
- COMRIE, B. 1978, Ergativity. In: W.P. Lehmann (ed.) **Syntactic Typology**. Austin: University of Texas Press.
- DIXON, R.M.W. 1972. **The Dyirbal Language of North Queensland**. Cambridge University Press.
- . 1979, Ergativity. **Language**, 55,1.
- FILLMORE, CH. 1968. The case for case. In: E. Bach and R.T. Harms (eds.). **Universals in linguistic theory**. New York: Holt, Rinehart, and Winston.
- GIVÓN, T. 1979. **Understanding language**. New York: Academic Press.
- . 1984. **Syntax. A functional-typological introduction**. Volume 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- HOPPER, P. and S. Thompson. 1980. Transitivity in grammar and discourse. **Language**, 56.
- KIBRIK, A.E. S.V. Kodzasov, D.S. Samedov e I.P. Olovjannikova. 1977. **Opyt strukturalnogo opisanija arčinskogo jazyka**. Vol.I: 28-29. Moscou.
- KIBRIK, A.E. 1979a. Podležaščee i problema universanoj modeli jazyka. **Izvestia AN SSSR**. Seria literatury i jazyka. N4.
- . 1979b. Canonical ergativity and Daghestan languages. In: F. Plank (ed.). 1979.
- . 1979-1981. **Materialy k tipologii ergativnosti**. Institut russkogo jazyka AN SSSR. Predvaritelnye publikacii. Vypuski, 126,127,128,129,130,140,141. Moskva.
- . 1985. Toward a typology of ergativity. In: T. Nichols and A.C. Woodbury (eds.) **Grammar inside and outside the clause**. Cambridge: Cambridge University Press.
- . 1987. Constructions with clause actants in Daghestanian languages. **Lingua**, 71.
- KLIMOV, G.A. 1972. **Očerk obščej teorii ergativnosti**. Moskva: Nauka.
- LI, Ch. (ed.) 1976. **Subject and topic**. New York: Academic Press.

- LI, Ch. and S. Thompson. 1976. Subject and topic: a new typology of language. In: Ch. Li (ed.) 1976.
- PLANK, F. 1979. Ergativity, syntactic typology, and universal grammar. In: F. Plank (ed.) 1979.
- PLANK, F. (ed.). 1979. **Ergativity: Toward a theory of Grammatical relations**. London: Academic Press.
- SCHACHTER, P. 1977. Reference-related and role-related properties of subjects. In: P. Cole and T. Sadock (eds.). **Syntax and Semantics, 8: Grammatical relations**. New York: Academic Press.
- SEKI, L. 1990. Kamaiurá (Tupi-Guaraní) as an Active-Stative Language. In: D.L. Payne (ed.). **Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages**. Austin: University of Texas Press.
- TCHEKHOFF, C. 1978. **Aux fondements de la Syntaxe: l'ergatif**. Paris: Presses Universitaires de France.
- VAN VALIN, R. 1977. Ergativity and universality of subjects. In: **Papers from the 13th regional meeting**. Chicago, linguistic society. Chicago.
- WIERZBICKA, A. 1980. **Lingua mentalis**. New York: Academic Press.